

**ENTRE FLORES E ESPINHOS: O LUTO E O CARÁTER MUTÁVEL DA
IDENTIDADE APÓS A MORTE DE UM CÔNJUGE EM PALMEIRAS II (2000 -
2023)**

**BETWEEN FLOWERS AND THORNS: MOURNING AND THE CHANGEABLE
CHARACTER OF IDENTITY AFTER THE DEATH OF A SPOUSE IN PALMEIRAS
II (2000 - 2023)**

197

Elida Maria Dias Pereira

0309elidamariadias@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9442-1065>

Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Andreia Rodrigues de Andrade

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

andreiaandrade525@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8734-0950>

Resumo: O estudo discorre sobre o luto e o caráter mutável da Identidade na localidade Palmeiras II, em Barras-PI. Os objetivos constituíram-se em: analisar a influência do ambiente familiar na vivência do luto e de suas fases na vida de um sujeito viúvo (a); entender o caráter mutável da Identidade após a perda da pessoa amada; investigar de que maneira a pessoa enlutada ressignifica o seu modo de viver. O artigo realizou-se mediante a uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. A relevância do mesmo é atrelada à importância de discutir a questão do luto e da Identidade de pessoas viúvas, indagando: qual a relação do luto e do caráter mutável da Identidade na vida de sujeitos em Palmeiras II, zona rural de Barras- PI? Através da abordagem realizada, percebeu-se que o processo do luto deixa marcas na vida dos familiares, fato este percebido nos relatos dos moradores do Assentamento Palmeiras II.

Palavras-chave: Barras. Palmeiras II. Luto. Identidade. Caráter mutável.

Abstract: Abstract: The study discusses the mourning and the changeable character of Identity of the inhabitants, in the locality Palmeiras II, in the municipality of Barras-PI. The objectives consisted of: to analyze the influence of the family environment on the experience of mourning and its phases in the life of a widowed subject; to understand the changeable nature of identity after the loss of a loved one; investigate how the bereaved person resigns their way of life. The article was carried out through qualitative and bibliographical research. Its relevance is linked to the importance of discussing the issue of mourning and the identity of widowed people, asking: what is the relationship between mourning and the changing nature of identity in the lives of individuals in Palmeiras II, rural area of Barras- PI? Through the approach carried out, it was noticed that the mourning process leaves marks in the lives of the family

Building the way

members, a fact that is perceived in the reports of the residents of the Palmeiras II Settlement.

Keywords: Barras. Palmeiras II. Mourning. Identity. Mutable character.

Considerações iniciais

198

As relações humanas desde a infância constituem-se por laços de afetividade que marcam a vida dos indivíduos, mas sabemos que somos seres mortais e que temos a certeza da morte física. No entanto, após a morte especialmente de um familiar, enfrenta-se a dolorosa experiência do luto. Na localidade Palmeiras II não é diferente, sendo que muitas famílias vivenciam o luto e suas práticas repassadas de geração a geração. A referida comunidade é um assentamento rural de fácil acesso com distância de 40 km da sede de seu município. Palmeiras II foi escolhida como protagonista para a pesquisa em lócus porque os moradores preservam costumes e tradições ancestrais nos ritos fúnebres e póstumos tais como: velar os corpos por 24 h com a companhia de familiares, vizinhos, amigos, visitar os enlutados, visitar as viúvas, fazer visitas e tirar terços pelos falecidos, terço pelo 7º ou 15º dia do falecimento de um indivíduo, dormir na casa do enlutado enlutada como símbolo de condolência, para missas de um ano após o falecimento de um morador local ou circunvizinho.

A referida localidade é constituída por famílias simples com baixa escolaridade, que em sua grande maioria sobrevive da agricultura familiar e através do recebimento de benefícios de programas sociais. Os cidadãos dessa localidade apoiam-se na família para unir forças e enfrentar as labutas diárias, porém, é possível perceber que algumas famílias perderam seus entes queridos e o convívio do dia a dia foi afetado, especialmente após o falecimento de alguns dos cônjuges de mulheres dedicadas à vida conjugal e as mesmas enfrentaram ou estão enfrentando o processo do luto. Desse modo podemos destacar a figura da mulher viúva, pois as mesmas além de vivenciarem o processo do luto sofrem preconceito social, exclusão por parte de amigos e familiares. O momento de luto vivido por homens e mulheres dentro de nossa sociedade com valores machistas sempre foi um desafio. As obrigações para com as viúvas evidenciam-se desde os textos bíblicos a exemplo do livro de 1 Timóteo, “Mas, se alguma viúva tiver filhos ou netos, aprendam primeiro a exercer

Building the way

199

piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais; porque isto é bom e agradável diante de Deus” (BÍBLIA, 1 Timóteo, 5,4). As mulheres viúvas necessitavam de cuidados extras e nesse pressuposto muitas ficaram vistas como um fardo a ser carregado por quem está em seu entorno abrindo brechas para o surgimento de estigmas. Parkes faz referência a Cochrane (1936) e relata que “[...]Ela pode sair apenas durante a hora na qual não irá encontrar as pessoas, pois acredita-se que todos aqueles que ela vir poderão ter morte repentina. [...]” (PARKES,1998, p.25). Analisando essas relações que marcam o ser humano, indaga-se qual a relação do luto e do caráter mutável da Identidade na vida de sujeitos em Palmeiras II, zona rural de Barras- PI.

O objetivo da pesquisa constitui-se em analisar a influência do ambiente familiar na vivência do luto e de suas fases na vida de um sujeito viúvo (a); entender o caráter mutável da Identidade após a perda da pessoa amada; investigar de que maneira a pessoa enlutada ressignifica o seu modo de viver.

O interesse que motivou a pesquisa surgiu após a leitura de um texto do Blog Horizonte, intitulado: *Luto e perda de Identidade: Quem sou eu sem você?* O texto é curto, mas traz contribuições e indagações significativas para aguçar o interesse em pesquisar sobre o luto, o qual é associado a alguns estigmas e tabus. Observando álbuns do arquivo da família Dias, foi possível analisar que as últimas fotos do álbum guardam recordações do momento do velório e do enterro de familiares próximos. É pertinente destacar que nos arquivos sempre essas fotos estão nas últimas páginas; jamais no início, fato que mostra um tipo de memória reprimida. A concretização da escolha do tema deu-se mediante a observação de uma fotografia que mostra o sepultamento de um pai de família, onde toda a família estava usando roupas que representavam o luto com tecido preto, poá ou uma fita preta costurada na vestimenta.

A metodologia se constituiu por meio de análise bibliográfica, analisando as obras dos seguintes autores: Araújo, Duarte, Dulcimar, Phillippe Ariès, Michel Vovelle, Antenor Rêgo Filho, Maria Helena Pereira Franco, Colin Murray Parkes, Stuart Hall. Realizou-se também uma abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa de campo na localidade Palmeiras II, em Barras-PI, através de entrevistas com 5 (cinco) pessoas da referida comunidade. Foram entrevistadas pessoas de diferentes faixas etárias sendo: Lidiane Ferreira Dias (41 anos), Maria das Graças de

Building the way

Jesus Paula (54 anos), Maria dos Remédios Alves Ferreira Dias (83 anos), Maria dos Santos Honorato (83 anos), Teresa Gomes (70 anos). As entrevistas foram semiestruturadas asseguradas através de termo de consentimento livre e esclarecido, concedidas por meio de laços de proximidade e parentescos entre os entrevistados e entrevistadores/pesquisadores do presente artigo.

O luto é um processo doloroso e emblemático. Desse modo é possível fazer levantamentos e pesquisas sobre o tema, ampliando estudos na área de história da saúde, história da morte, das doenças, história das mentalidades e história cultural. No decorrer da construção do artigo foi possível constatar que o luto gera um caráter mutável da identidade, especialmente analisando os casos de famílias da localidade Palmeiras II.

200

Reação diante da morte: aspectos históricos do luto

Segundo Bowlby, “o luto apresenta um conjunto de reações, como um processo natural e esperado diante do rompimento de uma relação significativa” (1981 *apud* FRANCO, 2021, p. 118). Quando se fala sobre morte, esse sempre é um tema que causa receio e o luto por ser uma das consequências pós-morte também é constituído por tabus. O historiador Philippe Ariès, fala sobre a história da morte em seu livro intitulado, *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. De acordo com o autor, “Acredita-se, a partir de então, que cada homem revê sua vida inteira no momento em que morre de vez. Acredita-se também que sua atitude nesse momento dará a sua biografia seu sentido definitivo, sua conclusão” (ARIÈS, 2012, p. 56).

A manifestação da dor do luto é uma reação natural mediante a morte e o pranto e as lágrimas na maioria dos casos externam o sofrimento do processo. No passado, diversas sociedades ficaram seguras sobre o dia que iriam morrer e chegavam a sentir a proximidade do momento que lhes aguardava. Segundo Ariès:

Em primeiro lugar, era tácito, como sendo uma coisa normal, que o homem sabia que ia morrer seja porque se aprendeu espontaneamente, seja porque foi preciso adverti-lo. Para nossos narradores antigos, era natural que o homem sentisse a proximidade da morte, como fez o lavrador de La Fontaine. A morte na época era raramente súbita, mesmo em caso de acidente ou de guerra, e a morte súbita era muito temida, não só porque nela não cabia o

Building the way

arrependimento, como também porque privava o homem de sua morte. A morte, portanto, era quase sempre anunciada numa época em que as doenças um pouco graves eram quase mortais. (ARIÈS, 2012, p. 215-216).

O autor aborda a reação humana mediante a morte como algo normal e aguardado por diferentes pessoas na antiguidade, os indivíduos corriqueiramente tinham o anseio de sentir o momento da morte e receavam ter uma morte súbita, já que uma morte repentina não daria o tempo necessário para o moribundo arrepender-se, mas essa realidade mudou, no entanto, de acordo com Ariès:

Duas grandes mudanças intervieram em seguida. Primeiro, o morto foi privado de seus direitos - era tutelado como uma criança menor de idade ou como se houvesse perdido a razão. Não tem mais o direito de saber que vai morrer; os que o cercam escondem-lhe a verdade até o fim, e dele dispõem para o seu próprio bem. Tudo se passa como se ninguém soubesse que alguém vai morrer, nem os familiares mais próximos nem o médico.... e nem mesmo o padre, quando um subterfúgio permitiu-lhe que viesse sem maiores danos. (ARIÈS, 2012, p. 209).

Ariès acrescenta que:

[...] ousar falar de morte, admiti-la nas relações sociais, já não é como antigamente permanecer no cotidiano, é provocar uma situação excepcional, exorbitante e sempre dramática. Antigamente, a morte era uma figura familiar, e os moralistas deviam torná-la horrenda para amedrontar. Hoje, basta apenas enunciá-la para provocar uma tensão emocional incompatível com a realidade da vida cotidiana. [...] (ARIÈS, 2012, p. 224).

Observamos que a sociedade trouxe imposições ao ser humano, o qual foi privado de expressar e externar seu sofrimento e Philippe também fala que, “o luto” foi, entretanto, até nossos dias, a dor por excelência cuja manifestação era legítima e necessária, [...]. (ARIÈS, 2012, p. 227). O autor também destaca que, “[...] durante a Idade Média, os mais bravos guerreiros e os mais ilustres soberanos prostravam-se diante dos corpos de seus amigos ou parentes como mulheres, diríamos hoje como mulheres histéricas [...]” (ARIÈS, 2012, p. 227-228). Segundo Ariès:

Hoje, a necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, sua interdição. Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade

Building the way

geral é, a partir de então, proibido; o que era proibido é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo. (ARIÈS, 2012, p. 232-233).

É possível observar algumas retaliações referentes ao luto e a morte. Assim, os enlutados se resguardavam do convívio social e em alguns casos ficavam doentes em meio ao isolamento e a dor da perda, gerando uma espécie de repressão dos sentimentos perante a sociedade. Philippe Ariès (2012, p. 248) ressalta que, “Na América de hoje, as técnicas químicas de conservação servem para fazer esquecer o morto e criar a ilusão do vivo. O quase vivo vai receber pela última vez seus amigos, em um salão florido ao som de uma música suave ou grave, mas nunca lúgubre [...]”.

Com o surgimento da *nouvelle histoire*, o campo de pesquisa referente a história da morte, da família, das crianças e sobre o inconsciente foram novas áreas que abriram um leque de oportunidades para a historiografia e que devem ser exploradas como novos objetos de estudo no campo das ciências humanas e sociais. Michel Vovelle (2004) destaca que:

É isso, talvez, que torna a história da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de observar pelo avesso essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas como essa é acolhida, a História pretende reencontrar os homens e compreender suas reações diante de uma passagem que não admite fraudes. Assim definida a história da morte assume na nova história das mentalidades um lugar importante [...] (VOVELLE, 2004, p. 128).

De acordo com o autor, falar sobre a história da morte é algo que produz fascínio e ocupou uma posição importante no âmbito da nova história das mentalidades. Vovelle (2004, p. 128) conclui que: “O estudo das atitudes coletivas está atualmente em pleno desenvolvimento. Ele tem suas áreas: história das atitudes diante da vida, história das estruturas da família, da morte que são de algum modo terrenos diversos de uma mesma investigação”. As novas áreas mencionadas podem ser observadas na íntegra trabalhando com a metodologia de história oral a exemplo do presente artigo, pois na metade do século XX, os usos das fontes orais foram difundidos por intermédio do gravador de fita. Segundo Delgado (2010, p. 15):

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre

Building the way

a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história de vida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.

O gravador de fita constitui-se como um grande mecanismo de armazenamento para arquivar relatos orais, mas com os avanços tecnológicos alavancados pelos novos mecanismos o armazenamento e transporte dessas fontes ganharam praticidade substituindo o analógico pelo digital, pois vários pesquisadores utilizam dispositivos de última geração ou o aparelho celular para coletar dados. A história oral é relacionada com a memória porque segundo Marilena Chauí (1995, p. 125) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”.

Finda uma vida, nasce uma saudade: a visão traumática do processo de luto e o caráter mutável da identidade

Stuart Hall salienta que, “[...] uma vez que o sujeito moderno emergiu num momento particular (seu ‘nascimento’) e tem uma história, segue-se que ele também pode mudar e, de fato, sob certas circunstâncias, podemos mesmo contemplar sua ‘morte’” (HALL, 2006, p. 24). O autor traz contribuições riquíssimas sobre o conceito de Identidade. Segundo Hall podemos pontuar que:

Assim, a identidade é realmente algo formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo no “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre “sendo formada” [...]. (HALL, 2006, p. 38).

Segundo o autor, a identidade de uma pessoa é formada desde o nascimento de um indivíduo até o período de sua morte, e, após uma perda familiar, embora o momento seja de dor intensa dependendo da pessoa que vive e como ela vive, cada indivíduo vivencia o processo de forma singular. O tempo é individual, mas não se configura ao enlutado perder ou mudar sua identidade. De acordo com Franco (2021, p. 119):

Building the way

O que se vê na pós-modernidade, mais especificamente e a partir das décadas finais do século 20, é que, diante da perda de um ente querido, a maioria das pessoas desenvolve um processo de luto normal, vivenciando seu pesar e as necessidades de resposta adaptativa, enquanto vive também seu processo de construção de significado acerca da perda e de si, de modo a retomar suas atividades de vida diária e se colocar na posição de quem viveu uma perda e a enfrentou como afirmam Prigerson (2004) e Rando (2013).

204

Embora o enlutado esteja passando por crises, as quais causam várias confusões mentais, mediante um confronto entre vida e morte, ele se observa confrontando a realidade, mas, no geral, não tem uma real perda de identidade, uma vez que pode haver uma perda momentânea, porém, é especificamente por conta da crise. Após essa fase, o indivíduo tem a capacidade de reerguer-se novamente. No entanto, Franco (2021, p. 120) afirma que:

Retomar as atividades do cotidiano não significa voltar à mesma condição anterior à perda. A vida não é a mesma quando se vive um luto. O mundo presumido se transforma, os significados não fazem sentido como antes e uma reconstrução de identidade e de vida se impõe. Entendo, portanto, que este seja um ponto nodal na compreensão de um luto complicado quando se trabalha com a pessoa enlutada: a revisão de um mundo presumido depois de viver uma perda, o conhecido não mais norteando suas decisões e inserções.

Não ocorre uma perda de identidade, mas o sujeito deixa de ser quem era antes, deixa de ser um amigo, um filho, um irmão, interferindo no papel social do mesmo, pois o luto causa um confronto de identidade. Neste sentido, ocorre a restauração, uma construção dessa identidade, que pode ser verificada em falas como estas: “antes eu existia em uma família”; “minha família era grande”; “tinha x irmãos”; “no momento não tenho mais”. O ser humano tem a capacidade de se reinventar em meio a dor da perda interferindo, dessa maneira, na identidade, ou seja, no papel social. Nesse contexto, Franco faz referência às fases do luto e fala que:

Entorpecimento, choque, que pode durar de poucas horas até uma semana e ser interrompido por explosões de intenso sofrimento e/ou raiva; anseio e procura pela pessoa perdida, que pode permanecer por meses e até mesmo anos; desorganização e desespero e reorganização, em grau menor ou maior. (BOWLBY 1981 *apud* FRANCO, 2021, p. 76-77).

Building the way

De acordo com Franco (2021), Bowlby salienta que as fases do luto não são rigorosamente definidas e pode haver oscilações dessas reações entre as pessoas enlutadas. Consoante Weiss (2008 *apud* FRANCO, 2021, p. 73), “foi Darwin quem primeiro falou em fases do luto, em sua obra *A expressão das emoções no homem e nos animais*, cuja primeira edição foi publicada em 1872”.

Assentamento Palmeiras II, Comunidade da zona rural de Barras-PI

A exemplo da maioria dos estados da região Nordeste, a origem do povoamento no Piauí não fugiu à regra. Os surgimentos das vilas piauienses originaram-se a partir das fazendas, dos currais, da figura do vaqueiro e de uma capela. De igual modo a formação da cidade de Barras seguiu este padrão, tendo sua origem ligada diretamente à construção da capela de Nossa Senhora da Conceição no século XVIII. A história de Barras é ligada a traços religiosos, Rêgo Filho afirma:

Conta a lenda que um vaqueiro, andando a procura de uma rês desgarrada, encontrou uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, talhada em madeira, dentro de uma moita de tucum, localizada onde hoje é erguida a Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Barras. O vaqueiro levou o fato ao conhecimento do seu senhorio, rico fazendeiro, filho da província da Bahia, dono de vasta gleba de terra - Coronel Miguel de Carvalho Aguiar –, que, como obstinado católico, deu início à construção de uma capela, com a finalidade de homenagear a imagem da Santa, encontrada pelo vaqueiro, isto no ano 1749. Entretanto, o rico coronel faleceu antes do término da edificação da capela. Com o seu falecimento deixou parte de seus bens para um sobrinho, de nome Manoel da Cunha Carvalho, que, após algum tempo, deu continuidade a construção da capela, orientado por Frei Manoel da Penha e Padre Gabriel Malagrida, sacerdotes que andavam pela região, em desobriga, e, ainda, teria contado com ajuda da população. (RÊGO FILHO, 2008, p. 35).

A história de Barras vai de encontro à origem da capela de Nossa Senhora da Conceição. Neste viés observamos a trajetória do Coronel Miguel de Carvalho Aguiar, o qual faleceu e deixou o sobrinho encarregado para dar continuidade à construção do templo religioso. Em meio a dor do luto, Manoel deu continuidade ao sonho do tio e atendeu ao pedido do mesmo. De acordo com Rêgo Filho (2018, p. 44-45):

Building the way

Manoel da Cunha Carvalho, ao falecer no ano de 1776, deixou seu rico patrimônio para o sobrinho Manoel José da Cunha, não incluindo no documento a Capela de N.S. da Conceição. Deixa no dito testamento a importância de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) para novas obras da capela, para que esta lhe servisse de túmulo, no que foi prontamente atendido no seu desejo.

É possível observar que estes cidadãos vivenciaram perdas, dor, luto e recomeço. Também podemos destacar o forte apego entre Manoel da Cunha Carvalho e Manoel José da Cunha e o fato do tio pedir para ser sepultado na Igreja comprova esse vínculo de afetividade. Segundo João José Reis, em sua obra "*O cotidiano da morte no Brasil oitocentista*" (REIS, 1997, p. 125), acreditava-se que "Ter uma cova dentro da igreja era também uma forma de os mortos manterem contato mais amigável com os vivos, lembrando-lhes que rezassem pelas almas dos que se foram [...]".

Dando continuidade a história de Barras, faz-se necessário destacar seu crescimento e, conseqüentemente, o aparecimento de zonas rurais. Um exemplo em destaque no presente artigo é o Assentamento Palmeiras II, situado a 40 Km de seu município. Vale destacar que P.A. II tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição e seus moradores mostram grande devoção.

A localidade Palmeiras II deu lugar ao local que viera a ser o Assentamento Palmeiras II, sendo que essas terras pertenciam a Matias Rebouças de Melo, o qual transferiu parte de suas terras para desapropriação. A origem do projeto de assentamento (PA) ocorreu pacificamente, mesmo existindo famílias residindo no local. Os autores Araújo, Duarte e Washington Júnior afirmam que:

Os primeiros moradores a residirem no local foram à Braz de Lima, que a partir de então juntando-se a outras famílias vindas ao local deu-se início a formação das seguintes localidades: Palmeiras de baixo, Palmeiras centro e Barroca, sendo que a localidade Palmeiras centro aglutina a maior parte das famílias que se encontravam dentro da área. Atualmente o PA Palmeiras está organizado em agrovila, onde localiza-se na localidade Palmeiras centro, 80 casas do projeto e aproximadamente 350 pessoas recentes no local. (ARAÚJO, DUARTE, WASHINGTON JÚNIOR, 2016, p. 8-9).

De acordo com os autores supracitados, a desapropriação das terras originou o assentamento Palmeiras II e no dia 28 /11/2000 se deu a criação do PA e no dia 14/12/2000 houve a emissão da posse. Palmeiras II é uma localidade que tem

Building the way

se modernizado, recebeu sistema de abastecimento de água, colégio, posto de saúde, comércios e ruas pavimentadas. Em meio a estes avanços, os moradores continuam mantendo seus costumes e tradições, especialmente nos ritos pós-morte, pois fazem terços, visitas de sétimo dia na casa das famílias enlutadas, missas de 15 dias, de 1 ano. Costumes que cresceram e se mantem vivos na mentalidade desses moradores. Franco salienta que:

207

A religião, em sua proposta de ligar o ser humano ao divino, faz uso de crenças, doutrinas, dogmas, símbolos, práticas. Possibilita que significados sejam construídos, transmitidos, confirmados, contestados. Oferece rituais que, quando praticados, proporcionam aos que creem os sentidos de pertencimento e de previsibilidade tão necessários na organização após uma ruptura no conhecido, seguro e assegurador. Temas como morte e luto, pela sua importância para o ser humano, encontram na religião suporte para ser desenvolvidos, esclarecidos, questionados, contestados (FRANCO, 2021, p.100).

Em meio às mazelas da vida, os moradores do PA Palmeiras II encontram na fé o combustível para seguir em frente e superar obstáculos. Segundo Freud (1996 b *apud* FRANCO 2021, p. 100-101),” as religiões são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa ou interna que dizem algo que o ser humano não descobre por si mesmo”. Neste sentido, Paula¹ (2023), fala suas experiências em decorrência do luto após a morte do esposo, vítima de câncer:

Sobre o meu marido eu lutei com ele. O problema dele era na garganta e ia fazer três anos de luta, mas eu com a fé, mas primeiro Deus que é nosso pai é quem sabe de tudo, foi do jeito que foi, que Deus fez e eu tenho que me conformar, mas minha falta dele é muita também. Não vou dizer que seja todo dia, todo momento, toda hora, porque não ficou para ser assim e se fosse a gente ficava até louco, virava o juízo, mas sinto falta dele, mas no mesmo tempo agradeço a Deus que ele descansa em paz pelo tempo que ele sofreu. Nós andamos lutando pela vida dele e eu com toda fé que ele ia ficar bom, mas não é por querer meu. Deus é quem sabe de tudo. Então, o que Deus sabe nós num sabe, o que Deus faz, nós não desfazemos. Então ele mesmo chama o filho dele como todos nós somos filhos de Deus e ele chama, mas ele conforta, mesmo que a gente não esqueça, mas com o milagre de Deus que ele é fiel a gente enfrenta a vida, vai em frente, mas sofri muito. No início da morte do meu marido eu pensava que eu ia virar o juízo, mas Deus não deixa não, que Deus é fiel. (PAULA, 2023).

¹ Maria das Graças de Jesus Paula é moradora da localidade Palmeiras II, viúva há oito anos, aposentada e estudante da III Etapa (6º e 7º ano) na modalidade EJA-Educação de Jovens e Adultos.

Analisando a fala da entrevistada, é possível perceber que a mesma viveu dois processos de luto: primeiro pré-morte, e em seguida no pós-morte. Posteriormente ao diagnóstico da doença e o agravamento da mesma percebe-se que a esposa vive o chamado luto antecipatório o qual é definido por Franco como:

O luto antecipatório é entendido como aquele que se inicia a partir do momento em que a pessoa recebe o diagnóstico médico que trará uma mudança para sua vida - seja em suas atividades habituais, seja em seus projetos, em seu *status* socioeconômico ou em suas relações - levando a transformações significativas em sua identidade e percepção de controle [...] (FRANCO, 2021, p.80).

O luto antecipatório engloba um emaranhado de sentimentos mesclando a esperança e o desespero na certeza de algo que pode ser pior. Para confirmar essa experiência, a entrevistada Gomes² (2023) relata que “Depois que ele [marido] adoeceu eu fiquei assim, né, e depois que ele faltou tombém eu passei foi dia assim que num tava muito bem, sem ânimo para nada. Quando eu estou sozinha eu estou lembrando dele. E assim da pessoa viver só em casa é ruim”. Lidiane Dias³ também fala sobre o momento de maior pesar, que segundo ela foi:

A morte do meu esposo, pois foi de forma trágica através de um acidente grave. Na época eu estava grávida nos últimos meses da gestação e não pude ir ver meu marido e isso me fez sofrer muito principalmente quando eu lembro que ele tava internado no hospital precisando de consolo por mais que ele tivesse em estado de coma. Eu acho que se a gente tivesse ido lá e tipo assim pegasse né eu acredito que ele sentiria minha presença e quando eu lembro que meu esposo estava lá e eu não pude visitar isso me faz sofrer demais. (DIAS, 2023).

As recordações póstumas preenchem a vida dos enlutados e alguns objetos pessoais ou mesmo os filhos aumentam essa dor, pois se materializam no outro ou nos pertences deixados o que foi perdido. As entrevistadas confirmaram que os objetos pessoais fazem aumentar a dor do luto. Segundo Lidiane Dias (2023):

Fazem, sempre fazem com certeza sempre que a gente vê, que a gente olha, lembra e sofri, pois está vendo os objetos e não tá vendo

² Teresa Gomes é aposentada, viúva a mais de um ano e moradora do Assentamento Palmeiras II.

³ Lidiane Ferreira Dias jovem viúva de 41 anos e mãe de 5 filhos.

Building the way

a pessoa que era dona né. Algo que faz lembrar é tipo assim, roupa que a gente via a pessoa usando. Também os serviços da roça que fazia e ao olhar para os filhos ainda mais né. No meu caso o filho que nasceu e meu marido não conheceu, pois era o sonho dele ver esse filho e a viagem dele para São Paulo foi para dá uma qualidade vida melhor para os filhos, comprar as coisinhas do bebê, mas infelizmente ele não conseguiu melhor né e ele não conseguiu por causa de acidente trágico (DIAS, 2023).

209

O sofrimento materializa-se no objeto. Mediante essa discussão, Paula (2023) também fala das recordações que remetem à figura do falecido marido “Tem a moto minha filha, essa motozinha que o Vavá anda, essa dita motozinha aí viu é a lembrança material que tenho, além dos nossos filhos que foi o bem mais precioso que ele deixou”.

Ariès (2014, p. 786) afirma, “É, pois, essa primeira geração romântica a primeira a recusar a morte. Exaltou-a, hipostasiou-a e simultaneamente fez, não de uma pessoa qualquer, mas do ser amado, imortal inseparável”. A entrevistada Maria dos Remédios Dias⁴ (2023) salienta, “O momento que mais senti falta foi do meu vei, pois a gente fica naquela solidão, a gente fica sozinha e quando dá àquela hora de tardinha, a gente se lembra daquela companhia mais a gente. É ruim demais, a gente se lembra muito”.

As principais reações referentes à morte são a busca pelo outro e o luto representa um momento de estranhamento, euforia, aceitação e recuperação. A morte rápida, quando o falecido não manifestou causa concreta como uma surpresa, continua sendo um dos momentos de maior pesar. Ao indagar sobre o falecimento de qual de seus familiares Maria dos Santos (2023) mais sofreu, ela afirma que:

Eu sofri com a morte do meu marido Raimundo Gregório da Silva. Ah! Minha fia ele morreu dirrepente viu e foi um sofrimento, pois ele di dia tava bonzin e quando foi assim uma hora dessa (17:09) ele apresentou um jeito ruim e foi chegando a noite e ele foi amolecendo mais e foi ficando mais ruim e nexe dia ele faleceu. Nós tinha uns 30 anos de casados e seguindo o costume da época eu botei luto por seis mês, mas foi só eu mesmo os outros num botaram não. (HONORATO,2023).

⁴ Maria dos Remédios Alves Ferreira Dias (83 anos) é viúva, aposentada e moradora da comunidade Palmeiras II.

Building the way

Com a fala de Honorato é possível entender que, apesar do tempo, ela lembra detalhadamente do processo que vivenciou e afirma que a rotina mudou após o acontecido. Pois segundo ela,

Minha fia mudou assim, enquanto num passa aquele sentimento aquele tempo todinho a gente fica assim ruim todo tempo e aí depois nós mioremo. Quando passou para os seis meses nos conformamos mais. A gente sabe que tem isso aí e acontece mesmo, mas num tá esperando assim dirrepente. (HONORATO,2023).

210

Um fato curioso sobre o processo de luto antigamente é o fato do uso da roupa preta ou algo similar sem cores fortes e chamativas para expressar o sentimento, especialmente da viúva, o costume ficou conhecido como colocar luto. A entrevistada Maria dos Remédios Dias afirma que vivenciou essa prática e a prática seguia um padrão. Segundo ela:

Enquanto a pessoa tava de luto a gente num tinha alegria a gente num saía né, assim pra ir um adjunto, num saía não. Enquanto a gente tava de luto a gente num saía passava um ano. A gente vestia roupa preta, só tirava para lavar. Se tirasse para lavar a gente vestia uma roupa que combinava com a cor ou branco, ou azulinha qualquer cozinha e os filhos também respeitavam isso, mas agora tá muito diferente. (DIAS, 2023).

Analisando a fala da entrevistada, percebe-se que o momento seguia um padrão de reclusão total para o enlutado. O lar seria o local mais seguro para resguardar suas angústias e pesares. A perda de um cônjuge deixa um sofrimento avassalador. Murray Colin Parkes afirma:

A perda do marido pode significar ou não a perda do parceiro sexual, do companheiro, do contador, do jardineiro, daquele que cuida das crianças, daquele é interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença, e assim por diante, dependendo de algumas regras geralmente cumpridas pelos maridos. E ainda, uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias. A morte do marido é com frequência acompanhada por uma queda nos rendimentos, o que, por sua vez, pode levar a viúva a vender a casa, mudar de emprego (se tiver emprego) e mudar para bairros novos. (PARKES, 1998, p. 24)

É possível perceber que mudanças expressivas ocorrem e o sentimento de solidão prevalece. Também é possível perceber que a pessoa enlutada sempre tem

Building the way

algo em comum. Parkes (1998, p. 25) destaca, “Além das reações de pesar, há dois fatores que são determinantes para qualificar a reação global a uma perda. São elas: a estima e a privação”.

De acordo com a autora, o estigma é associado às mudanças da sociedade quando alguém morre. Ela cita a estigmatização para com as viúvas, as quais percebem-se na mudança de atitudes por parte da sociedade, “As viúvas descobrem que as pessoas que sempre foram amigas próximas ficam sem jeito e tensas em sua presença”. Colin fala também sobre o conceito de privação. “A privação significa a falta daqueles suprimentos essenciais que foram anteriormente fornecidos pela pessoa perdida” (PARKES, 1998, p.25-26).

211

Intervenções e ações terapêuticas para o enfrentamento do luto

Em alguns casos, o processo do luto causa danos irreversíveis e, se não houver os cuidados necessários, a pessoa enlutada pode vir a óbito. Sendo assim, é necessário buscar ajuda, tratamento com psicoterapia, psiquiatria e medicação, apoiar-se na fé ou buscar refúgio espiritual. Segundo Franco:

A experiência clínica mostra que o cenário é diferente. A pessoa em luto que procura a psicoterapia chega ansiosa com sua dor e a necessidade de uma resposta que organize essa experiência caótica e, muitas vezes, vivida com bastante sofrimento. Ouvir do profissional que o caminho está escrito e, portanto, previsto pode acalmar sua angústia inicial, porém a sequência dos dias prova que ele parece ter desvios, atalhos, becos sem saída, vales e montanhas, que precisarão ser percorridos no passo individual e no ritmo que o processo permitir. (FRANCO, 2021, p. 77).

O enlutado procura uma solução para sanar sua dor mesmo que o resultado seja alcançado a longo prazo, tendo em vista que o processo é individual e funciona de acordo com o ritmo de cada ser humano, ou seja, não tem um padrão a ser seguido com prazo determinado e horário marcado. Franco salienta que:

[...] É inevitável tratar da diferença fulcral que se estabelece com a experiência de cuidar de pessoas enlutadas após o início da pandemia desencadeada pela Covid-19. O cenário da atenção ao luto por parte de psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e outros profissionais mudou totalmente a partir do início de 2020 [...] (FRANCO, 2021, p. 113).

A pandemia modificou o modo de vida da humanidade em suas diversas áreas e, em meio às rupturas, várias pessoas procuraram ajuda de um profissional. Franco defende que: “O apoio oferecido por amigos, familiares, vizinhos ou membros de uma igreja ou associação à qual o enlutado pertença pode ser terapêutico e tem seu valor no enfrentamento do luto” (FRANCO, 2021, p. 114).

A intervenção terapêutica de um profissional somente deve ser realizada após o clínico detectar o quadro em que o paciente se encontra. Algumas definições sobre o luto mostram-se importantes para saber como intervir adequadamente, desse modo, iremos fazer a diferenciação do luto complicado e do luto prolongado observando as abordagens de Franco, pois:

[...] Prigerson é muito estreita em sua definição e considera que luto complicado é aquele que apresenta um desvio significativo da norma social, em relação à duração ou à intensidade dos sintomas gerais ou específicos do luto, assim como em relação ao nível de prejuízo em áreas importantes como a social e a laboral (FRANCO, 2021, p.124).

Analisando essa prerrogativa, a autora também faz a distinção entre luto complicado e luto prolongado observando os estudos de Prigerson (1995b). Nestes estudos foram destacados os critérios para diagnosticar o luto prolongado os quais foram subdivididos em:

O fato: luto por perda de alguém significativo. *Sofrimento pela perda:* a pessoa sente muita falta do falecido (saudade, busca, sofrimento físico e emocional resultante do desejo frustrado desse encontro) diariamente ou em um nível que impeça suas atividades. *Sintomas cognitivos, emocionais e comportamentais:* o enlutado apresenta cinco ou mais dos sintomas a seguir, diariamente ou em um grau que impeça suas atividades: *confusão sobre seu papel na vida, *diminuição do senso de self, sensação de que uma parte de si morreu; *dificuldade de aceitar a morte; *evitação do que faz lembrar a realidade da morte; *incapacidade de confiar nas pessoas; *amargura ou raiva em relação a morte; *dificuldade de seguir com a vida; *ausência de emoção, entorpecimento; *sensação de que a vida está sem sentido ou vazia; *sensação de atordoamento, choque ou aturdimento. *Tempo decorrido:* o diagnóstico não deve ser feito antes de seis meses da morte. *Danos:* o transtorno causa danos significativos em aspectos importantes da vida da pessoa, como responsabilidades que não consegue mais executar bem. *Relação com outros transtornos mentais:* o transtorno não é incluído nos diagnósticos de depressão, transtorno de ansiedade generalizada ou transtorno pós-traumático. (FRANCO, 2021, p. 124-124).

Segundo a autora, esses indicadores mostram aos clínicos o caminho para prosseguir e tentar compreender a experiênciãção do luto como parte de um protocolo a ser seguido. Também existe o luto complexo, que persiste, mas não existem estudos aprofundados na área, Franco (2021, p. 127) destaca que:

213

[...] O luto complicado é introduzido como uma categoria do luto prolongado, tendo duração prevista de seis meses para seu diagnóstico; menor portanto, do que o transtorno de luto complexo persistente, como no DSM-5, com duração prevista de 12 meses. Isso significa que o DSM-5 introduz um quadro clínico, o transtorno de luto complexo persistente, com ressalva de que é necessário ser mais pesquisado, e que, no mesmo instrumento, luto deixa de ser considerado critério de exclusão no diagnóstico de depressão [...].

A autora é bastante clara com relação aos seus estudos e mostra a importância de se ter a eficácia comprovada de um método para estabelecer o quadro clínico correto do paciente. Franco (2021) também fala sobre a importância das ações terapêuticas mediadas pela tecnologia e defende que: nas últimas décadas, a *internet* obteve reconhecimento no cuidado da pessoa em luto não apenas pela disseminação, mas também pela validação das experiências publicadas em periódicos científicos de credibilidade. A autora fala de diversas pesquisas que comprovam o valor terapêutico do ambiente virtual. Maria Helena Pereira Franco acrescenta:

[...] Mesmo tendo sido feita antes da pandemia de Covid-19, essa pesquisa tem particular relevância para a compreensão do luto em seu contexto: devido às restrições sanitárias pelo corona vírus, os rituais fúnebres foram reduzidos ou até mesmo impedidos. Como alternativa, as famílias passaram a recorrer aos recursos tecnológicos. (FRANCO, 2021, p. 131).

Os meios tecnológicos alcançaram grande destaque como um espaço para compartilhar e armazenar memórias de seus internautas e mostram-se como redes de apoio e auxílio terapêutico para as pessoas que passaram por rupturas e mostra-se um espaço acolhedor independentemente da faixa etária.

Considerações finais

Building the way

As diferentes interfaces do luto resplandecem um grande pesar. Assim sendo, constata-se que o tema, *Entre flores e espinhos: o luto e o caráter mutável da identidade após a morte de um cônjuge entre os anos 2000 a 2023, na localidade Palmeiras II*, é extremamente relevante, pois este campo de pesquisa é amplo, abrindo um leque de possibilidades para novas pesquisas abrangendo diferentes campos do conhecimento: História, saúde, morte, doenças.

214

Em relação a situação problema deste artigo é pertinente destacar que a mesma foi respondida no decorrer do trabalho, pois o luto em meio as suas fases geram traumas e sofrimentos irreparáveis, fato este que constatou-se na fala dos moradores do Assentamento Palmeiras II. No que tange aos objetivos norteadores deste trabalho, pontuamos que eles foram alcançados, pois foi analisada a influência do ambiente familiar na vivência do luto e de suas fases na vida de um sujeito viúvo (a). Além disso, entendeu-se o caráter mutável da Identidade após a perda da pessoa amada, e também investigou-se de que maneira a pessoa enlutada ressignifica o seu modo de viver.

Mediante aos resultados atingidos, pontua-se que o processo de luto não se configura na perda da identidade, no sentido do ser humano não se reconhecer como pessoa, fato observado nos relatos dos moradores do PA Palmeira II, os quais têm vasto conhecimento sobre o tema. Mas é de fundamental importância aprofundar novas pesquisas na área, pois os mesmos mostram-se como verdadeiros guardiões de memórias e experiências fascinantes.

De acordo com o que foi abordado ao longo deste artigo, é possível concluir que os seres humanos sempre demonstraram preocupação com a morte, e o luto, por ser uma consequência póstuma, causa várias crises confrontando a realidade de diferentes pessoas. De modo geral, enlutado não tem uma perda total de identidade, mas sim algo momentâneo especificamente em razão das crises. Contudo, a pessoa tem a capacidade de encontrar-se novamente, a exemplo dos cidadãos palmeirenses que buscam sanar suas mazelas por meio da fé.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**-Harpa Sagrada. 4. Ed. Rio de Janeiro: CPAD,2009.

ARAÚJO, Maria Eliane Alves; DUARTE, Maria Dulcimar; WASHINGTON JÚNIOR, Ramos dos Santos. **Notas sobre a agricultura familiar no assentamento**

v. 13, n. 1

ISSN 2237-2075

Building the way

Palmeiras II, Barras Piauí. Artigo (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Piauí. Barras, 2016.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana Siqueira. – [Ed. especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BLOG HORIZONTE: **Luto e perda de Identidade:** Quem sou eu sem você? Disponível em: <<https://www.cuidarassistencia.com.br/blog1115/luto-e-perda-de-identidade-quem-sou-eu-sem-voce>>. Acesso em: 25.fev.2022.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

DELGADO, L. de A. N. **História oral:** memória, tempo, identidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p.15.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21:** uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro; DP&A, 2006.

PARKES, Colin Murray. **Luto:** Estudos sobre a perda na vida adulta. Ed. Summus, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rnp/a/WrxRHwjpCHvyt6zC9qGsMNF/?lang=pt>>. Acesso em: 01, jan.2023.

RÊGO FILHO, Antenor. **Barras:** Histórias e Saudades. Fortaleza: Realce, 2008.

RÊGO FILHO, Antenor. **Paróquia de Nossa Senhora da Conceição das Barras do Marathaoan.** Teresina: Livraria Nova Aliança EDITORA, 2018.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil.** v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

Entrevistas

DIAS, Lidiane Ferreira. **Entrevista concedida a Elida Maria Dias Pereira.** Palmeiras II, janeiro de 2023.

DIAS, Maria dos Remédios Alves Ferreira. **Entrevista concedida a Elida Maria Dias Pereira.** Palmeiras II, janeiro de 2023.

GOMES, Teresa. **Entrevista concedida a Elida Maria Dias Pereira.** Palmeiras II, janeiro de 2023.

Building the way

HONORATO, Maria dos Santos. **Entrevista concedida a Elida Maria Dias Pereira.** Palmeiras II, janeiro de 2023.

PAULA, Maria das Graças de Jesus. **Entrevista concedida a Elida Maria Dias Pereira.** Palmeiras II, janeiro de 2023.